

# Euclides da Cunha e o Sertão Nordestino

Por THIAGO GOMES DE OLIVEIRA

Prezados ouvintes da P. R. J. 2, boa noite!

Como filho do nosso Nordeste brasileiro, que sou, é com o mais vivo entusiasmo e ardor patriótico que vimos a este microfone trazer a nossa singela contribuição à Semana Euclidiana, a qual o Centro Cultural Euclides da Cunha vem comemorando anualmente, à maneira de cidades outras deste querido Brasil, para cultuar a impercível memória de seu patrono e genial escritor brasileiro.

Vindo eu, das caatingas pardacentas e adustas do Nordeste, dificilmente poderia iniciar o nosso trabalho, com outro título que não fosse o supra aludido. Sim, porque quem viveu os horribéis dramas das sécas, quem percorreu estradas poeirentas sob a ação causticante da soalheira impiedosa, fugindo aos rigores climatéricos daquela terra ignota, como o próprio Euclides expressivamente a cognominou, nunca jámais, lerá as páginas da monumental obra "Os Sertões" sem sentir, de chofre, a penetração lídima e arguta do fulgurante gênio do autor, no âmago daquele sertão silente, ao descrever, com atilado espírito, a luta titânica que, desafiando os séculos e poderes públicos, se vem ferindo dramaticamente entre o homem e a terra. Euclides da Cunha, mais que ninguém, soube sentir e transladar para o papel, em forma de arte literária, a dor do sertanejo que, insulado entre o mar e o deserto, nunca, a despeito do mais rígido sofrimento, foi dominado ou feneceram-lhe o ânimo e o intrépido heroísmo que caracteriza os fortes. Com ou sem letras, sabe o nosso boníssimo e indômito caboclo ser paradigma de nacionalidade. E quem se incumbiria de nos afirmar o estoicismo e a inquebrantável fibra dos nossos titãs, se os sociólogos e mestres de grande saber e aguda inteligência se compraziam a mirar o vai-vem das ondas em nossas praias das metrópoles ou a contemplar do asfalto o progresso cidadão? Sem olhar introspectivamente para o Brasil interior. Necessário era, pois, que surgisse alguém que não fosse apologista incondicional do conforto nem guiado pelo cabotinismo comum nos vaidosos, e esse alguém surgiu, foi o grande, o imortal Euclides da Cunha, o atleta consumado das letras, que, não crendo só nas lendas, que a enfática literatura do além e aquém mar nos apontava, como feitos de certos supostos super-homens, penetrou com a sua aprimorada cultura, com o seu espírito perscrutador e alma imbuida de sadio patriotismo, sertão a dentro, para mostrar, também, aos descrentes dos grandes feitos heróicos, o de que o nosso caboclo brasileiro é capaz, maiores rasgos de bravura e alto espírito de hospitalidade, nobilitantes atitudes morais e sacrifícios mais ingentes, principalmente quando essa renúncia lhe é imposta, para fazer valer a sinceridade de um compromisso, lhe custe este ou não, na sua palavra de fé, a própria vida.

E Euclides da Cunha, ao perlongar o sertão, foi sublime ao analisar, não deixando de perceber, com requinte de minúcia, os gestos eloquentes que o fizeram acreditar piamente que "o sertanejo é, antes de tudo, um forte", mas, essa sua legendária afirmativa, como parece, à primeira vista, não se limita ao corpo desvitaminado e desnutrido dos homens do sertão, deve alongar-se mais para o espírito, porque, para resistir àquele terçar de armas, em que o homem e a natureza se degladiam eterna, heroica e eloquentemente, é necessário um forte espírito para se não vencer, não se deixar ser vencido. E foi isso precisamente que Euclides notou, na argúcia com que o sertanejo se lhe apresentava, principalmente quando ele afirma: "e o sertanejo simples transmuda-se, penetrando-o no fanático destemeroso e bruto" "despertou-os adversários que imaginavam ir surpreender", e "A caça caçava o caçador". Isso, afóra a observação feita sobre os costumes e o fâcie do sertão inteiro, realizada pelo corifeu da nossa literatura. Observou tudo, até mesmo com altiva minudência... desde a trempé, o pedaço de pedra que acompanha o sertanejo, na sua jornada de nômade até a sua astúcia, ao armar a rede que o acompanha em forma de bêrço e que também lhe serve de esquife; no umbuzeiro que lhe oferece sazoados frutos como alimento e as raízes que em forma de tubérculos, armazenam grande quantidade de reserva líquida com que lhe mitiga a sede. Viu, com os olhos do pensamento e principalmente da grande alma de brasileiro, o sofrimento daqueles nossos irmãos mártires, que, na douda afirmação, do escritor primoroso, se fazem homens, sem chegar a ser crianças, porque cedo têm que se acordar para a fratricida luta pela existência.

Foi assim que o caboclo de Euclides da Cunha foi apresentado ao seu grande público leitor do Brasil metropolitano. E assim ele continuará ornando os seus grandes feitos, com lídimos exemplos da nacionalidade, que são, antes de tudo, um grito épico e fervoroso da raça mestiça, de quem tanto têm falado os antrope-sociologistas, na sua clássica e científica palavra falada e escrita. Honras, pois, a Euclides da Cunha e viva o nosso

caboclo brasileiro que é, por excelência, a matéria prima de que o Brasil necessita para levar de vencida a grande e impostergável jornada que lhe está afeta, no conceito das nações democráticamente civilizadas. Porém, para conseguirmos o grande evento, é mistér que se dêem aos homens do Brasil interior letras e assistência social, porque é o de que necessita "o cerne da nossa nacionalidade", os nossos bravos mamelucos brasileiros.